

O homem vítima de violência doméstica: Perspetiva da vítima e do técnico especializado

The male victim of domestic violence: Perspective of the victim and the specialized technician

Daniela Hammes Castro Antunes ¹

Miguel Oliveira Rodrigues ²

Resumo

Este artigo apresenta-nos um estudo que procurou caracterizar socio-afetivamente o homem vítima de violência doméstica em situação de acolhimento em Portugal, e identificar a perceção do Técnico de Apoio à Vítima (TAV) face a violência doméstica contra os homens. Utilizamos uma abordagem metodológica quali-quantitativa, recorrendo a instrumentos diferenciados na recolha de dados, a entrevista semiestruturada e o inquérito por questionário. A amostra compreende dois grupos, oito homens vítimas de violência doméstica acolhidos na “Casa Abrigo para Homens” e 30 TAV da APAV. Alguns dos resultados mais relevantes obtidos demonstram que a maioria dos homens vítimas da violência doméstica apresentam algum tipo de fragilidade física, demonstram muita resistência à denúncia, e o sentimento de medo, humilhação e vergonha persistem na maioria dos casos. A caracterização e perfil destas vítimas em contexto nacional comprovou ainda ser desconhecida, nomeadamente pelos próprios técnicos especializados na matéria. Os apoios disponíveis para esta vítima masculina não são equivalentes com os que existem para a mulher.

Palavras-chave: Violência doméstica; Vítima masculina; Técnico de Apoio à Vítima; Casa abrigo para homens.

Abstract

This article presents a study that sought to socio-affectively characterize the male victim of domestic violence in shelter situations in Portugal and to identify the perception of the Victim Support Technician (TAV) when confronted with domestic violence against men. We used a qualitative-quantitative methodological approach, using different instruments for data collection, the semi-structured interview and the questionnaire survey. The sample comprises two groups, eight male victims of domestic violence, in shelter, in the “Casa Abrigo para Homens” and 30 TAV from APAV. Some of the most relevant results obtained show that most men who are victims of domestic violence have some type of physical fragility, show a lot of resistance to reporting, and the feeling of fear, humiliation and shame persist in most cases. The characterization and profile of these victims in the national context proved to be still unknown, namely by the technicians specialized in the matter. The supports available to this male victim are not equivalent to those available to women.

Keywords: Domestic violence; Male victim; Victim Support Technician; Men shelter.

¹ Mestre em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, pelo Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ISS/ULHT). Licenciada em Direito pela União Pioneira de Integração Social (UPIS). Advogada. E-mail: dhammescastro@gmail.com.

² Docente convidado no Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ISS/ULHT). Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CEIED/ULHT). Chefe da Polícia de Segurança Pública (PSP) no Comando Metropolitano da PSP de Lisboa. E-mail: p902094@ulusofona.pt.

Introdução

Segundo os dados oficiais mais recentes, a grande maioria de vítimas de violência doméstica é do sexo feminino, mas a realidade apresenta-nos um gradual aumento de denúncias com vítimas do sexo masculino. Esta realidade é observável quando verificamos que da totalidade de crimes de violência doméstica, em 2010 as vítimas masculinas que denunciaram o crime era 18%, e em 2021 foi de 25% (Sistema de Segurança Interna [SSI], 2022, 2021; 2020; 2019; 2018; 2017; 2016; 2015; 2014; 2013; 2012; 2011).

Foi, com a premissa da literatura de referência que analisamos e explanamos ao longo do estudo que as mulheres representam as maiores taxas de agressão, mas que os homens também são agredidos. Constatamos que, enquanto a violência masculina contra a mulher é maioritariamente vista como injustificável, a violência contra o homem ostenta quase sempre justificação. A realidade nacional indica que o homem vítima de violência doméstica se encontra preso a uma “norma” da cultura patriarcal e, como tal, receia ser desacreditado e humilhado, silenciando, assim, a sua vitimação. Em Portugal, a violência doméstica contra os homens encontra-se assim ainda como um assunto obscuro e que transporta consigo inúmeras complexidades consuetudinárias (Antunes, 2022).

Podemos indicar que as principais razões que justificam o presente é a escassa literatura científica em contexto nacional sobre o tema, assumindo-se como um tema igualmente com escassa exploração, análise e debate. Foi, com este mote, que entendemos pertinente procurar responder à pergunta de partida: Qual o atual contexto dos homens vítimas de violência doméstica em situação de acolhimento em Portugal, e a perceção dos Técnicos de Apoio à Vítima face a problemática da violência doméstica contra o homem?

É também neste paradigma que, cada vez mais, devemos assumir que a temática deve ser um importante “Tema Social” a ser identificado, estudado, avaliado, e intervencionado por diversas áreas e domínios da sociedade, onde o papel do Serviço Social deve assumir uma particular e relevante posição.

O presente artigo surge assim neste contexto e tem por base a investigação realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, com o título: “Violência doméstica contra homens: Perspetivas de vítimas e técnicos” (Antunes, 2022).

1. Violência doméstica contra o homem

A investigação científica em matéria de violência nas relações de intimidade centraliza a sua visão de forma muito direcionada na violência perpetrada contra as mulheres, observando-se um descuro em outros contextos e dimensões da violência, como é o caso da violência exercida contra os homens (Machado & Matos, 2012). No entanto, observamos que, progressivamente, a literatura começa a analisar e a trabalhar a violência doméstica como uma problemática bidirecional, como um fenómeno que não compreende somente a violência contra a mulher, legitimando assim o facto em que o homem também pode ser vítima (Silva, 2014).

A violência doméstica é tradicionalmente definida como consequência do patriarcalismo e o uso deliberado da violência pelo homem, visando manter o poder e controlo nas relações de intimidade (Hines & Douglas, 2010). No entanto, a ideia de que numa relação de intimidade violenta, o homem é o agressor e a mulher a vítima, tem sido cada vez mais desmistificada na literatura, particularmente na internacional, e nomeadamente no que se refere às questões de género, com alguns especialistas na matéria a considerarem ser fundamental analisar o contexto da relação, personalidade dos parceiros e consequências que ocorrem do comportamento violento antes de se determinar agressor e agredido (Silva, 2014).

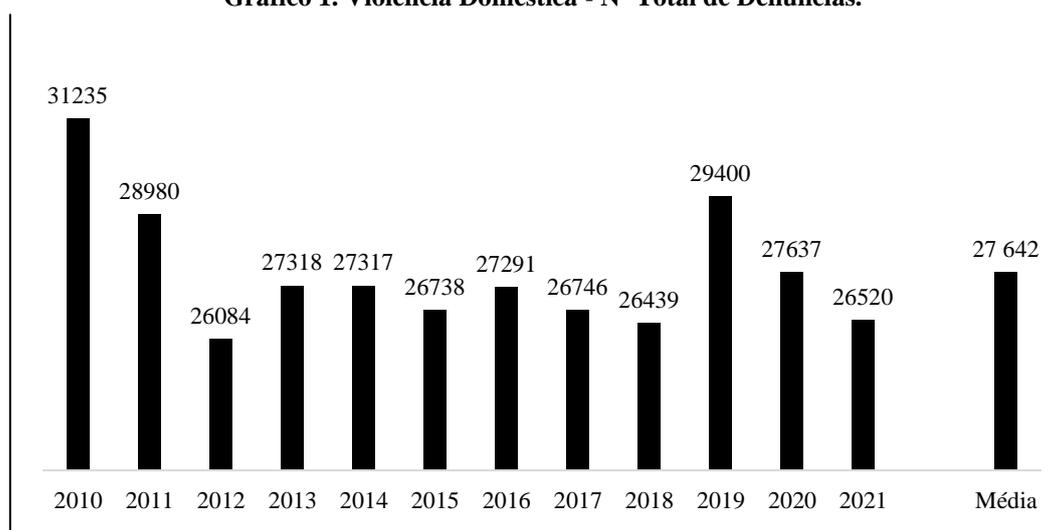
Em contexto nacional, a violência doméstica contra o homem é ainda um assunto obscurecido e que transporta consigo inúmeras complexidades consuetudinárias e, neste sentido, entende-se que para falarmos em vitimação masculina primeiro devemos considerar o conceito de masculinidade tradicional. Este conceito de masculinidade tradicional transporta em si mesmo não apenas uma premissa justificadora da agressividade do homem nas relações, como igualmente a utopia de que este não poderá ser ou assumir-se como vítima, uma vez que se deve apresentar nos moldes e características dos estereótipos do que é ser homem “de verdade”. Estes valores encontram-se tão intrinsecamente “cravados” no indivíduo que, uma grande maioria, nem sequer admite e/ou consegue reconhecer uma situação de violência doméstica praticada contra si, exceto se esta assumir um elevado sentido físico e visivelmente danoso. Esta visão e perspectiva mostra-nos assim o homem abafado, silenciado, emocionalmente limitado, que não expressa o que sente e, conseqüentemente, isola-se, sente-se deprimido, consome abusivamente álcool e/ou drogas e, com frequência desenvolve comportamentos de risco, que pode culminar em último caso, o suicídio (Marques, 2021).

São, essencialmente, os sociólogos da família a apresentar uma perspetiva distinta dos entendimentos feministas, apresentando estudos que veem demonstrar que homens e mulheres podem igualmente ser perpetradores ou vítimas. Esta perspetiva argumenta que, por si só, a desigualdade de género não será suficiente para se produzir uma relação violenta, e que outros mais fatores, como a dinâmica da família e fatores socioeconómicos, podem também influenciar e contribuir para a violência doméstica (Machado & Matos, 2012).

2. Os números da violência doméstica contra o homem

Na última década em contexto nacional, os dados disponibilizados no Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) mostra-nos uma média de 27 642 casos de violência doméstica denunciados oficialmente, com valores que oscilam entre os 26 084 e os 31 235 casos. Uma referência para a descida no último ano em análise, apresentando uma redução de - 4% nas denúncias entre 2020 e 2021 (SSI, 2022; 2021; 2020; 2019; 2018; 2017; 2016; 2015; 2014; 2013; 2012; 2011). Porém, e assumido pela comunidade científica que este facto se encontrará muito provavelmente associado à situação de confinamento vivenciada pelo país durante a pandemia de Covid19. Referem que, as vítimas uma vez confinadas com os(as) agressores(as), estariam expostas a um maior perigo e inerente maior dificuldade em denunciar o crime¹.

Gráfico 1. Violência Doméstica - Nº Total de Denúncias.

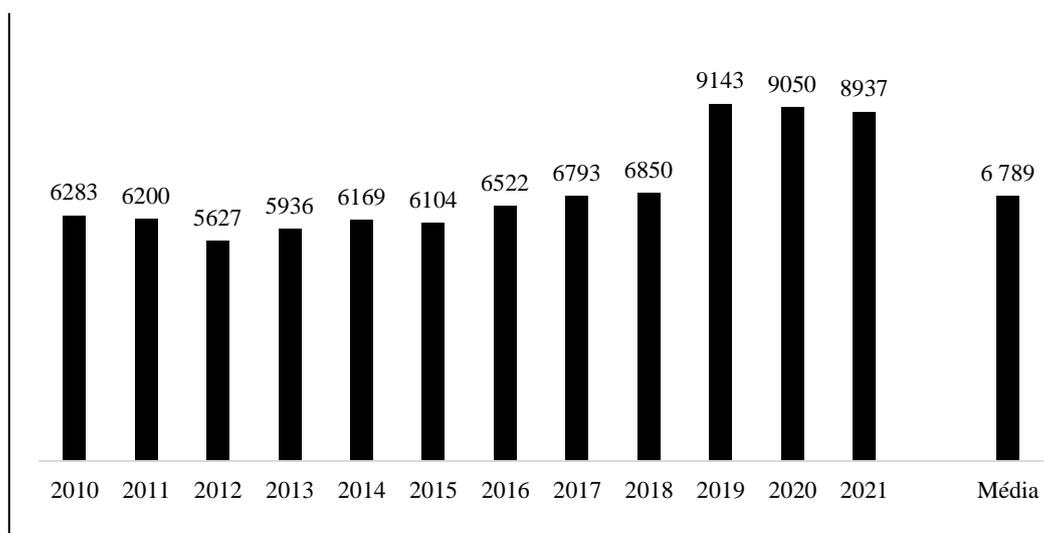


Fonte: Elaboração própria/2022, adaptado dos dados dos RASI (SSI, 2011-2022)

¹ Artigo do “Expresso” (2021): “*Pandemia levou à diminuição das denúncias de violência doméstica*”. <https://expresso.pt/coronavirus/2021-04-19-Pandemia-levou-a-diminuicao-das-denuncias-de-violenciadomestica-ec398049>.

Com o facto de encontrarmos uma grande maioria de vítimas de violência doméstica associada ao sexo feminino, os últimos anos surgem com uma ascendência de um relativo aumento de denúncias por parte do sexo masculino. Constatamos facilmente esse facto ao compararmos os 17,7% de vítimas masculinas que denunciaram o crime de violência doméstica em 2010, enquanto que em 2021 essa percentagem sobe para os 25,1% do total de vítimas. Em termos concretos, os valores que se observavam entre 2010 e 2018 assumem valores que se introduzem entre as cinco e as seis mil vítimas deste sexo masculino, numa média de cerca de 6 300 anual, apesar das oscilações verificadas no total de denúncias do crime. No entanto, estes últimos três anos em referência (2019 e 2021), encontramos valores unidos em volta das nove mil vítimas, com uma média destes três anos que se fixa mesmo nas 9 050 vítimas. Verificamos, ainda de acordo com os valores médios expostos na última década segundo o RASI, cerca de 80% das vítimas apresenta mais de 25 anos, 9% entre 16 e 24 anos e 11% menos de 16 anos (SSI, 2022; 2021; 2020; 2019; 2018; 2017; 2016; 2015; 2014; 2013; 2012; 2011).

Gráfico 2. Violência Doméstica - Nº Denúncias contra o Homem.



Fonte: Elaboração própria/2022, adaptado dos dados dos RASI (SSI, 2011-2022)

3. Abordagem investigativa

Assumido que a metodologia de investigação compreende o método que fornece o rumo e direção ao trabalho científico (Coutinho, 2014), a pergunta de partida e os objetivos definidos, orientou-nos a selecionar um caminho científico caracterizado por uma metodologia qualiquantitativa ou mista.

A escolha é fundamentada cientificamente pela intenção de não só de auscultar e conhecer a realidade através da visão pessoal das vítimas, mas igualmente de conseguir quantificar os resultados (perspetiva das vítimas e dos técnicos especialistas).

Na estruturação dos resultados utilizamos igualmente uma abordagem mista e adaptada à diferente metodologia. Na abordagem qualitativa, utilizámos como técnica a análise de conteúdo, onde o instrumento envolveu a entrevista semiestruturada. Por seu lado, na abordagem quantitativa, encontramos como técnica a análise estatística e a correlação de variáveis, com recurso ao programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), detendo como instrumento, o inquérito por questionário.

Pergunta de Partida e Objetivos da investigação

Como a base conceptual e o enquadramento teórico desenvolvido, a pergunta de partida definida foi: Qual o atual contexto dos homens vítimas de violência doméstica em situação de acolhimento em Portugal, e a perceção dos Técnicos de Apoio à Vítima face a problemática da violência doméstica contra o homem?

Com a definição do problema da investigação, e em uniformidade com a pergunta de partida definida que nos apontava para dois tipos de amostra distintos, tivemos de contruir dois grandes objetivos gerais distintos, um direcionado à amostra de homens vítimas de violência doméstica e um outro direcionado aos técnicos especialistas em violência doméstica. Assim, com ligação às vítimas, o objetivo geral foi contruído para se obter a caracterização socio-afetiva do homem vítima de violência doméstica em situação de acolhimento em Portugal. Para a ligação aos técnicos especializados, o objetivo geral foi delineado para obter e identificar a perceção do Técnico de Apoio à Vítima (TAV) face a violência doméstica contra homens.

Instrumento de recolha de dados

A literatura científica metodológica diz-nos que a definição dos procedimentos utilizados na recolha de dados se encontra diretamente interligada com a informação necessária para a solução do problema da investigação (Quivy et al., 2019; Reis, 2018). Nesta premissa, os instrumentos de recolha de dados do estudo, e como já referido numa associação de dois distintos, utilizamos a entrevista semiestruturada e o inquérito por questionário.

No que diz respeito às entrevistas semiestruturadas, direcionadas às vítimas, e tendo como base construtiva a de Bardim (2016), contruíram-se perante um guia pré-definido. Assim contruímos um guião de entrevista com questões formuladas não só a partir da base científica específica para os objetivos definidos, alcançados através da nossa

pesquisa bibliográfica confluída para a temática em rubrica (Belchior, 2014; Cândido, 2019; Carvalho, 2018; Correia & Sani, 2015; Guerreiro et al., 2015; Malveiro, 2020), conjugada e complementada pela própria experiência da investigadora deste estudo enquanto TAV. O guião de entrevista compreendeu assim 25 questões, que foram estruturadas em cinco subsecções de análise, correspondentes aos objetivos específicos do seu objetivo geral: Secção I - Definição sociodemográfica dos entrevistados (questões 1 à 7); Secção II - Percurso de vida (questões 8 à 16); Secção III - Ciclo da violência doméstica (questões 17 e 18); Secção IV - Perceções sobre o fenómeno (questão 17 - 2ª parte e questões 19, 20, 21 e 23); Secção V - Prevenção e intervenção (questões 22, 24 e 25) (Antunes, 2022).

Relativamente ao inquérito por questionário, direcionado aos TAV, recorreremos a instrumento validado e denominado de “Inventário de Perceções sobre Violência Doméstica e Homicídio Conjugal” (Carvalho, Machado, & Matos, 2016), presente nos conteúdos do estudo de Monteiro (2018). O instrumento, que nos apresenta versões diversas, por norma em conexão com objetivos específicos e particularidades singulares do objeto de estudo que as investigações pretendem, é recorrentemente utilizado em inúmeros estudos de referência em contexto nacional. O questionário constitui-se por duas partes: uma primeira parte é composta por questões socioprofissionais dos TAV; a segunda parte consiste num inventário de 51 afirmações sobre violência na intimidade e homicídio conjugal, com cinco opções de resposta (escala tipo Likert): De “Discordo Totalmente” a “Concordo Totalmente” (Carvalho, 2016; Gomes, 2018; Homem, 2018; Lopes, 2016; Monteiro, 2018; Silva, 2018).

Universo, população e amostra

A investigação realizou-se em contexto nacional português, tendo encontrado ligações à maioria dos distritos de Portugal continental e ilhas. No entanto, e como referido, a nossa pesquisa recorreu a dois grupos distintos de amostra: homens vítimas de violência doméstica, e Técnicos de Apoio à Vítima (TAV).

O nosso grupo de homens vítimas de violência doméstica, constitui-se por oito indivíduos em acolhimento na “Casa de Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica do Sexo Masculino”, da Cáritas Diocesana de Aveiro. Esta estrutura é atualmente única resposta destinada exclusivamente ao acolhimento de vítimas masculinas em Portugal, tendo sido entrevistados, portanto, todas as vítimas que se encontravam acolhidas no país na janela temporal do estudo (junho de 2021). Relativamente à caracterização destas vítimas, observamos que tinham entre os 21 e os 81 anos (média de 39,3 anos).

Relacionando as variáveis “naturalidade” e “última morada antes do acolhimento”, observamos vítimas com proveniências de diferentes regiões do país, quer em questões de naturalidade quer de proveniência última, salientando-se que todos estes homens pertencem a diferentes regiões. No que respeita ao estado civil encontramos uma maioria de solteiros (75%), com a restante amostra partilhada por viúvos (12,5%) e divorciados (12,5%). Na grande maioria dos casos estes homens vítimas de violência doméstica não possuem filhos.

Relativamente ao nosso grupo de amostra de profissionais especialistas na área da violência doméstica em contexto nacional, encontramos um grupo composto por 30 TAV da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e que exerciam funções em 12 dos 21 Gabinetes de Apoio à Vítima (GAV) da APAV, em diferentes regiões de Portugal Continental e Ilhas. Em termos concretos encontramos no estudo seis TAV do GAV Odivelas, seis do GAV Lisboa, três do GAV Algarve, dois do GAV Porto, dois do GAV Tavira, dois do GAV Ponta Delgada, dois do GAV Coimbra, dois do GAV Braga, dois do GAV Paços de Ferreira, um do GAV Setúbal, um do GAV Loulé, e um do GAV Alto Alentejo Oeste. No que respeita à sua caracterização socioprofissional, observamos que a grande maioria é do sexo feminino (93,3%), com idades entre os 20 e os 69 anos (média de 36 anos). Maioritariamente são solteiros (50%), distribuindo-se a restante percentagem por 23,3% de casados, 20% em união de fato, e, com a mesma percentagem de 3,3%, encontramos viúvos e divorciados. Ao nível de habilitações académicas, a maioria possui mestrado (56,7%), com a restante percentagem a possuir licenciatura (43,3%). Nesta base académica, observamos oito cursos distintos, maioritariamente em Psicologia (60%), sucessivo do curso de Direito (10%), Serviço Social e Criminologia, com a mesma percentagem (6,7%), e, os menos referenciados encontra-se associado à formação em Sociologia e Educação Social, com a mesma percentagem (3,3%).

4. Apresentação, análise e discussão de resultados

Nesta fase analisamos e discutimos os dados alcançados com as entrevistas ao grupo de homens vítimas de violência doméstica em situação de acolhimento, e dos questionários aplicados aos TAV da APAV.

No caso do nosso grupo da nossa amostra de vítimas, onde o objetivo geral pretendia conhecer a sua caracterização socio-afetiva do homem vítima de violência doméstica em situação de acolhimento em Portugal, alcançamos as cinco grandes dimensões construídas e que permitiram responder a este objetivo. A primeira dimensão

reportava à “Caracterização sociodemográfica” destes homens vítimas, onde percebemos que apresentam idades entre os 21 e 81 anos (média de 31 anos), maioritariamente solteiros, apenas dois possuem filhos, apenas um possui ensino superior, sendo a situação económico-financeira da totalidade das vítimas incerta e/ou carente. Na sua segunda dimensão, relativa ao “Percurso de vida - detalhes sobre a história de vida das vítimas, salientamos a categoria “História de vida, infância e relacionamento com pais e irmãos”, com a presença de abuso e/ou violência durante a infância (abandono, agredir, bater, trabalhar e violência doméstica), reveladas no discurso de quatro dos oito participantes. Na terceira dimensão, “Ciclo da violência doméstica - tipo de violência sofrida”, ressaltamos a referência que nos mostra uma maioria de vítimas que sofreram principalmente violência psicológica no início do ciclo da violência. É também destacado um aumento de tensão por parte dos agressores que passam a exercer em momentos posteriores uma violência patrimonial/financeira, bem como social, como meio de exercer maior controlo sobre as vítimas. Na escalada da violência os relatos mais presentes direcionam-se para a violência física. Em termos gerais, com exceção da violência sexual, foram observados e identificados todos os tipos de violência doméstica.

A quarta dimensão reporta às “Perceções/representações sobre o fenómeno”, e salientamos os resultados que permitiram verificar que a maioria das vítimas permaneceram na relação violenta por menos de um ano após o primeiro episódio abusivo, salientando-se que a maioria destes homens apenas se reconheceu como vítima com a escalada da violência. A quinta e última dimensão, “Prevenção e intervenção”, destacamos as visões positivas da maioria destas vítimas, as quais perspetivam um futuro otimista, com esforço pessoal e busca da felicidade.

Relativamente ao nosso grupo de especialistas, os TAV da APAV, relembramos o objetivo delineado, que visava obter e identificar a perceção do TAV face a violência doméstica contra homens. Relembramos que utilizamos o questionário denominado “Inventário de Perceções sobre Violência Doméstica e Homicídio Conjugal” constituído de respostas fechadas sobre 51 afirmações sobre a violência doméstica contra o homem. Os resultados que o inventário nos apresenta possuem uma descrição que pode apresentar perspetivas distintas face aos seus conteúdos estatísticos. Neste trabalho vamos apresentar as perceções pela análise agrupada das suas 10 subescalas constituintes do inventário (que comporta as 51 afirmações), e que é aferido perante três possibilidades de perceções - “Sem opinião”; “Perceções Desajustadas”; “Perceções Ajustadas”. Nesta base, observamos que a prevalência das perceções dos TAV face à Violência Doméstica contra

o Homem é maioritariamente ajustada (70%), apresentando-se assim a restante fração com perceções desajustadas (30%). Analisando as respostas às suas 10 subescalas, observamos uma grande maioria de perceções ajustadas, com a única subescala a revelar perceções desajustadas em relação a “Características do homem vítima” (53,3%), a que se junta mais 6,7% de casos que indicaram “Sem opinião”. Analisando de forma mais pormenorizada as 10 subescalas, as perceções ajustadas que apresentam valores mais elevados dizem respeito aos “Aspetos sociais associados ao homem vítima” (86,7%) e “Homicídio conjugal” (80%). Num patamar inferior, encontramos três subescalas, nomeadamente a “Denúncia” (76,7%),

“Severidade e Gravidade” (73,3%), e “(Auto)Reconhecimento” (70%). Decrescendo em pontuação, encontramos duas subescalas, “Razões para a agressão” (66,7%) e

“Motivos para permanecer na relação abusiva” (63,3%). Por fim, com valores menor, surgem mais duas, “Tipos de violência” (56,7%) e “Medidas judiciais e de proteção” (53,3%). No que respeita à já supracitada única subescala que apresenta uma perceção desajustada, diz respeito a “Características do homem vítima” (53,3%), a que se junta mais 6,7% de casos que indicaram não possuir opinião.

Reflexão final

Os dados alcançados no estudo foram produzidos através de entrevistas ao grupo de homens vítimas de violência doméstica em situação de acolhimento, e de questionários aplicados aos Técnicos de Apoio à Vítima (TAV) da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Não podemos de deixar de salientar que ambos os grupos da nossa amostra, assumem e representam o núcleo mais completo em contexto nacional no âmbito da problemática da violência doméstica contra o homem. Em concreto, encontramos no estudo todos os homens vítimas de violência doméstica em situação de acolhimento à data, nomeadamente da única instituição nacional com esta função. E, os TAV da APAV participantes, representam os Técnicos especializados da maior e mais abrangente Instituição que trabalha esta problemática em Portugal, presente com 21 Gabinetes de Apoio à Vítima (GAV) dispersos por todo o continente e ilhas.

Na procura de respondermos à nossa pergunta de partida, construímos um conjunto de objetivos específicos que se apropriaram das diferentes especificidades que os objetivos gerais do nosso estudo pretendiam. Tendo por base uma amostra com características ímpares dentro seu grupo, a investigação assente numa metodologia

qualiquantitativa através da aplicação de um questionário veio-nos permitir complementar os resultados obtidos através de entrevistas semiestruturadas.

Os resultados alcançados através da auscultação da nossa amostra do grupo de homens vítimas de violência doméstica indicou-nos vítimas que apresentam algum tipo de fragilidade física, seja por doença mental diagnosticada e/ou em razão da sua avançada idade. Com somente parte das vítimas a sofrer violência doméstica na infância, concluímos como não se considerando um fator determinante para o relacionamento abusivo que as transporta ao acolhimento. Também não foram verificados históricos de relações anteriores com vitimação, e igualmente uma prevalência de homens vítimas terem sofrido violência psicológica no início do ciclo da violência, não obstante, alguns casos mostram que a violência física também foi verificada. Apesar da violência sexual não ter sido identificada por estas vítimas, todos os outros tipos de violência se encontram ao longo do ciclo da violência doméstica que vivenciaram, nomeadamente a violência patrimonial/financeira e violência social. Estas vítimas específicas apresentam um perfil que indica uma permanência de até um ano na relação violenta, no entanto, apenas se reconhecem como vítima perante a escalada da violência. Encontramos vítimas que demonstraram resistência à denúncia, e onde o sentimento de medo, de humilhação e vergonha perduram na grande maioria dos casos. No entanto, estas vítimas em acolhimento, demonstram uma visão otimista e com boas perspectivas no seu crescimento como indivíduo e profissional, com um aumento gradual de autoestima e boas expectativas com relação ao futuro após a saída deste acolhimento.

Relativamente aos resultados obtidos através da nossa amostra de TAV, evidenciamos a perceção por parte destes profissionais relativamente às dinâmicas da violência doméstica contra o homem, que na sua grande maioria se vieram a apresentar como ajustadas. Este facto é comprovado por entre os 10 diferentes conteúdos sobre a temática que o instrumento analisava, apenas em uma se apuraram percentagens que se declaram como desajustadas, em específico, a que envolve questões associadas às características do homem vítima. Uma ressalva para alguns estudos similares, com recurso a este mesmo instrumento e grupos de especialistas similares (TAV), obteve resultados muito equivalentes, e que nos levam a poder admitir que as características e perfil do homem vítima de violência doméstica em contexto nacional ainda é desconhecido, seja pela sociedade, seja pelos próprios técnicos especializados na matéria.

Correlacionando as perceções dos TAV sobre o objeto de estudo com a realidade narrada pela amostra de vítimas, podemos observar que: os ciúmes serão a causa mais

manifestada da violência doméstica quando praticada no contexto de relação na intimidade; os homens vítimas de violência doméstica sofrem na maioria dos casos violência física; o medo de represálias ou retaliações de terceiros conduzem as vítimas a permanecer na relação abusiva; este homem vítima sente vergonha em se identificarem e assumirem como vítimas de violência doméstica; as Instituições especializadas de atendimento genérico a vítimas não se encontram ainda preparadas para apoiar homens vítimas de violência doméstica; os apoios disponíveis para vítimas de violência doméstica não são equivalentes para mulheres e homens, onde as respostas para a mulher vítima estão e são muito mais desenvolvidas e abrangentes, em comparação com as direcionadas ao homem vítima.

Referências bibliográficas

- Antunes, D. H. C. (2022). *Violência Doméstica contra homens: Perspetivas de Vítimas e Técnicos* [Master's thesis, Instituto de Serviço Social]. Repositório Científico Lusófona. <https://recil.ensinulusofona.pt/handle/10437/12965>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Almedina Brasil.
- Belchior, J. (2014). *Reconstruções pós violência doméstica: vivências e significados das casas abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica* [Doctorate's thesis, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação]. Repositório da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/78001/2/33986.pdf>
- Cândido, J. (2019). *Mulheres vítimas de violência doméstica: os processos de resiliência e o acompanhamento social nas casas abrigo* [Master's thesis, Faculdade de Ciências Humanas]. Repositório da Universidade Católica Portuguesa. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/28286>
- Carvalho, G. (2015). *Homens vítimas de violência doméstica e homicídio conjugal: percepções das polícias* [Master's thesis, Escola de Psicologia]. Repositório da Universidade do Minho. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/42753>
- Carvalho, G., Machado, A., & Matos, M. (2016). *Inventário de percepções sobre a violência doméstica e o homicídio conjugal (versão de investigação)*. Instrumento não publicado.
- Carvalho, M. C. T. (2018). *A gestão de pessoas na Casa Abrigo: a violência conjugal*. [Master's thesis, Instituto de Serviço Social]. Repositório Científico Lusófona. <https://recil.ensinulusofona.pt/handle/10437/9036>
- Coutinho, C. (2014). *Metodologias de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Edições Almedina.
- Correia, A. L., & Sani, A. I. (2015). As Casas de Abrigo em Portugal: Caracterização estrutural e funcional destas respostas sociais. *Análise Psicológica*, 33(1), 89-96. <https://doi.org/10.14417/ap.918>
- Guerreiro, M., Patrício, J., Coelho, A., & Saleiro, S. (2015). *Processos de inclusão de mulheres vítimas de violência doméstica*. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL).

- Gomes, A. (2018). *Homens vítimas de violência na intimidade: percepções da comunidade geral* [Master's thesis, Faculdade de Psicologia]. Repositório Científico Lusófona. <https://recil.ensinulusofona.pt/handle/10437/9352>
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2010). Intimate terrorism by women towards men: does it exist? *Journal of Agression, Conflict and Peace Research*, 36-56. <https://dx.doi.org/10.5042%2Fjacpr.2010.0335>
- Homem, J. (2018). *Homens vítimas de violência na intimidade: percepções de estudantes universitários* [Master's thesis, Faculdade de Psicologia]. Repositório Científico Lusófona. <https://recil.ulusofona.pt/handle/10437/9430>
- Lopes, F. (2016). *Violência doméstica contra homens: percepções das forças de segurança* [Master's thesis, Escola de Psicologia]. Repositório da Universidade do Minho. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/43250>
- Machado, A. & Matos, M. (2012). Homens de que não se fala: as vítimas esquecidas da violência na intimidade. *Psiquiatria, Psicologia & Justiça*, 5-27. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/30893>
- Malveiro, A. (2020). *Violência doméstica e a (in)sustentabilidade das IPSS na prestação de apoio aos homens vítimas de violência. Uma abordagem sociológica das tendências dos contextos e das práticas* [Doctorate's thesis, Instituto de Investigação e Formação Avançada]. Repositório da Universidade de Évora. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/27929>
- Marques, N. (2021). *Os homens também choram: histórias da nova masculinidade*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Monteiro, A. (2018). *Homens vítimas de violência na intimidade: percepções dos técnicos de apoio à vítima* [Master's thesis, Escola de Psicologia]. Repositório da Universidade do Minho. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/56038>
- Quivy, R., Campenhoudt, L. V., & Marquet, J. (2019). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Trajectos.
- Reis, F. L. (2018). *Investigação científica e trabalhos académicos: guia prático*. Edições Sílabo.
- Silva, C. (2014). *Percepção dos técnicos face à vitimação masculina e às práticas de atendimento* [Master's thesis, Departamento de Ciências Sociais e do Comportamento] Repositório do Instituto Universitário da Maia. <https://repositorio.ismai.pt/handle/10400.24/259>
- Silva, L. (2018). *Homens vítimas de violência na intimidade: percepções dos profissionais de saúde* [Master's thesis, Escola de Psicologia]. Repositório da Universidade do Minho. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/56019>
- Sistema de Segurança Interna [SSI]. (2022). *Relatório Anual de Segurança Interna 2021*. SSI. <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNLI0NgAIUg tZwUAAAA%3d>.
- Sistema de Segurança Interna [SSI]. (2021). *Relatório Anual de Segurança Interna 2020*. SSI. <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDQ1NAUAB R26oAUAAAA%3d>.
- Sistema de Segurança Interna [SSI]. (2020). *Relatório Anual de Segurança Interna*

2019. SSI.

<https://www.portugal.gov.pt/downloadficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDA0sAAAQJ%2bleAUAAAA%3d>

Sistema de Segurança Interna [SSI]. (2019). *Relatório Anual de Segurança Interna 2018*. SSI.

<https://www.portugal.gov.pt/downloadficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBAAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNzU0AwBUqy9nBAAAAA%3d%3d>

Sistema de Segurança Interna [SSI]. (2018). *Relatório Anual de Segurança Interna 2017*. SSI.

<https://www.portugal.gov.pt/downloadficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBAAAAB%2bLCAAAAAAABAAzMTE2AgAwydNBAAAAA%3d%3d>

Sistema de Segurança Interna [SSI]. (2017). *Relatório Anual de Segurança Interna 2016*. SSI.

<https://www.portugal.gov.pt/downloadficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBAAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNjYwBQBKIQJsBAAAAA%3d%3d>

Sistema de Segurança Interna [SSI]. (2016). *Relatório Anual de Segurança Interna 2015*. SSI.

<https://www.portugal.gov.pt/downloadficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBAAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNjYwBgB%2fhGGFBAAAAA%3d%3d>

Sistema de Segurança Interna [SSI]. (2015). *Relatório Anual de Segurança Interna 2014*. SSI.

https://www.parlamento.pt/Documents/XIILEG/Abril_2015/relatorioseginterna2014.pdf

Sistema de Segurança Interna [SSI]. (2014). *Relatório Anual de Segurança Interna*

2013. SSI. <https://www.historico.portugal.gov.pt/media/1391220/RASI%202013.pdf>

Sistema de Segurança Interna [SSI]. (2013). *Relatório Anual de Segurança Interna 2012*. SSI.

https://www.historico.portugal.gov.pt/media/904058/20130327_RASI%202012_vers%C3%A3o%20final.pdf

Sistema de Segurança Interna [SSI]. (2012). *Relatório Anual de Segurança Interna 2011*. SSI.

https://www.historico.portugal.gov.pt/media/555724/2012-0330_rel_at_rio_anual_seguran_a_interna.pdf

Sistema de Segurança Interna [SSI]. (2011). *Relatório Anual de Segurança Interna 2010*. SSI. https://www.historico.portugal.gov.pt/media/564302/rasi_2010.pdf